

Poliamor: Afinal o Que a Comunicação Tem a Ver Com Isso?¹

Camila Ribeiro Castro SOARES²

José Fernando PATIÑO TORRES³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

A presente pesquisa nos tem sido provocadora e instigadora em diversos aspectos, desde os mais macros até uma esfera mais íntima. Contudo, dizemos que, certamente, o fato de nos imiscuirmos e enveredarmos por uma área do conhecimento – a Comunicação – que não configura propriamente nossa formação de base – a Psicologia – tem circunscrito um dos traços mais desafiadores. No entanto, não é a primeira vez que nos movimentamos nesse sentido, o caráter inter e transdisciplinar compõem nosso interesse e atitude diante do acesso e construção do pensar e experimentar o mundo, além de também marcarem a própria Comunicação e o espírito de nosso tempo. Valendo-nos desses caracteres (inter e transdisciplinar) para refletir e fundamentar o que a comunicação tem a ver com o poliamor, vamos seguir alguns rastros para dizer que ela tem tudo a ver com isso. De modo reverso, nos parece interessante indagar também: como poderia a Comunicação não se a ver com essa conversa? Nesse panorama, o poliamor se apresenta como uma forma contemporânea de relacionamento afetivo-sexual que se refere ao consenso e simultaneidade no envolvimento entre mais de duas pessoas, sendo que a configuração em consideração nessa escrita está direcionada para uma relação poliamorosa grupal entre três pessoas, conhecida como tríade ou trisal (Anapol, 2010; Reis, 2017). Dito isso, evidenciamos que tal engajamento intelectual e teórico se dá a partir de nossa disposição de articulação, pois é seguro que são múltiplas as entradas possíveis para acessar e criar esse diálogo e que a mais óbvia provavelmente ocorreria pelas mídias. Então, uma informação importante para se considerar é que as mídias em nosso estudo aparecem incontornavelmente como recurso e ferramenta metodológica, mas não configuram objeto de pesquisa. Nesse sentido, a chave que faz abrir nossa conexão com a Comunicação é o estudo do próprio processo comunicativo

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS) da UFT, email: camilaribeiro_castro@yahoo.com.br.

³ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS) da UFT, email: jfpatinotorres@gmail.com.

na configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas. Para além do fato da metodologia e das ferramentas de execução da pesquisa serem atravessadas pelas mídias, com o uso do Instagram para captação dos participantes e por meio de plataformas digitais de comunicação para a conversação com os mesmos – fato esse que valorizamos, visto a viabilidade que proporciona para a execução da pesquisa na atualidade pandêmica; nos interessa, contudo, mais especificamente, o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, enquanto um elo que possibilita vincular a metodologia com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey e a complexidade dos processos comunicativos na configuração poliamorosa de um relacionamento afetivo-sexual entre três pessoas, ao assumirmos a negociação como um de seus valores centrais (Anapol, 2010; Klesse, 2011). Por sua vez, quando falamos em configuração subjetiva nos aportamos à categoria da subjetividade, segundo a Teoria da subjetividade e sua base epistemo-metodológica, a Epistemologia Qualitativa, ambas desenvolvidas por González Rey. O psicólogo cubano formulou i) a comunicação (em sua forma dialógica), ii) a singularidade e iii) uma abordagem construtivo-interpretativa como sendo os pilares para compreender sua proposta epistemo-metodológica (González Rey, 2010). A subjetividade, então, numa perspectiva histórico-cultural, ganha uma dimensão psíquica processual, construtiva e não linear, rompendo com as dicotomias sociedade/indivíduo, objetivo/subjetivo e simbólico/emocional, em que as configurações subjetivas dizem respeito às dinâmicas psíquicas mais estáveis produzidas por e produtoras de sentidos subjetivos diante das experiências, relações e espaços sociais que como indivíduos vivenciamos (González Rey, 2013, 2016a, 2016b). Sendo assim, serão três os rastros que vamos seguir para dizer do valor e do lugar da comunicação em nossa investigação sobre o poliamor. O primeiro deles parte da argumentação provocativa da professora – de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – Vera França no artigo *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?*. Fazemos uso de sua reflexão para colocar em movimento a concepção de comunicação que apoiamos e da qual recebemos apoio desde a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da subjetividade. O segundo rastro, que se trata de receber e comunicar-se com o outro como estrangeiro e, em extensão, como habitante de um mundo diverso, é posto em marcha por dois “intercessores” (cf. Deleuze, 1992): o livro *Por que amamos* do professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Renato

Noguera, e um trecho da produção cinematográfica do diretor canadense Denis Villeneuve, *A chegada (Arrival*, no original, 2016). Sobre o último rastro, a saber: o *Manifesto contrassexual* da até então filósofa espanhola Beatriz Preciado – que desde 2015, em seu processo de transição de gênero, é Paul Preciado – que nos oferece a noção de sujeito falante; dizemos que parece ser prensada com uma grande força pelo impacto que (nos) gera sobre a base patriarcal, capitalista, hetero-cis-mononormativa que ainda serve de estrutura social moderna. Ao ingressar nesse rastreamento, adotamos para o percurso uma postura que se expressa em duas vias: assumimos a comunicação como eixo de estabilidade dinâmica da existência humana e buscamos voltar à atenção para o (registro do) valor do diálogo, dos próprios processos comunicativos, para a Comunicação através da investigação da configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas. Desenvolvemos essa postura como contraponto à percepção da acentuada e coerente estima e centralização que o estudo das mídias tem para a Comunicação, na verdade como fenômeno marcador do mundo globalizado e tecnológico em que vivemos, algo que indubitavelmente não colocamos em questão, mas que deliberamos seguir em direção contrária. “Trata-se, portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações [...]; espaço de realização e renovação da cultura” (FRANÇA, 2001, p. 16); da globalidade, circularidade e complexidade do processo comunicativo, como afirma a autora. Com isso, temos marcadores diferenciais para compreender a comunicação, isto é, ela se configura como processo aberto e contraditório, ao mesmo tempo subjetivo, social e coletivo, no qual se registra a possibilidade de crescimento dos indivíduos envolvidos quando se está atento aos preconceitos e a formação de juízos de valores direcionados ao outro em função das diferenças (GONZÁLEZ REY, 1995). Dito de outro modo, o que estamos corroborando, em companhia, é “o valor dos processos comunicativos para o próprio desenvolvimento humano” (PATIÑO TORRES, 2021, no prelo) e, ainda, o fato de que a comunicação está além de um viés instrumental, de que é um espaço qualitativo relacional para o desenvolvimento da personalidade, mais especificamente da subjetividade (PATIÑO TORRES, 2021, no prelo). Considerando os rastros que buscamos acompanhar ao longo dessa escrita, entendemos que eles nos permitiram atender a intenção de localizar o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, estando esse lugar circulado pela vinculação entre a base epistêmica e

metodológica de nossa investigação e a especificidade dos processos comunicativos envolvidos na negociação de um relacionamento afetivo-sexual poliamoroso entre três pessoas. Os questionamentos de França (2001), acerca da problematização do objeto de estudo da(na) Comunicação, nos propiciaram também situar nosso objeto de pesquisa, a configuração subjetiva de uma relação poliamorosa na forma de trisal, no âmbito de seus processos comunicacionais, com o que esperamos fomentar uma forma de contribuição para a Comunicação enquanto área de conhecimento, no sentido de dialogar com uma das questões formuladas pela pesquisadora da Comunicação: “não existe esse “lugar”, essa “perspectiva da comunicação”, mas apenas, como indicam alguns, o objeto empírico – os meios de comunicação, ou a mídia – analisada pelo olhar das muitas disciplinas existentes (e dentro das quais nos colocamos)?” (França, 2001, p. 12). Para a qual ela mesma chamou atenção ao caráter demasiado empírico referente ao objeto da Comunicação e ressaltou a importância de responder e abarcar a comunicação e não somente elementos simplistas de um determinado modelo comunicativo (França, 2001). Então, desde a Epistemologia Qualitativa, apresentamos uma proposição de comunicação como sendo um processo através do qual são gerados novos sentidos (subjetivos) e novas ações em seu próprio curso. Nessa conjuntura, falamos da comunicação como um sistema ativo e estrutura dialógica e desenvolvemos uma compreensão na qual o diálogo produz e é produzido concomitantemente pelos sentidos subjetivos dos indivíduos que estão envolvidos no processo comunicativo. Portanto, a comunicação não é entendida simplesmente como “um fenômeno linguístico, mas subjetivo, no qual intervém múltiplos registros que não são da ordem linguística, como as posturas, imagens, fantasias e emoções, que representam processos que podem não estar presentes na linguagem durante o diálogo” (González Rey, 2009, p. 189; tradução nossa). Por fim, o movimento de prosseguir no percurso com as indicações oferecidas por Noguera (2020), pelo recorte da produção cinematográfica *A chegada* e pela noção de sujeito falante de Preciado (2014), faz referência ao exercício intelectual e de práticas contraproducentes que estejam dispostos a criar e cultivar maneiras em que os processos comunicativos em(de) uma relação poliamorosa possam ganhar formas tangíveis de manifestação e investigação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; configurações subjetivas; poliamor; trisal.

REFERÊNCIAS

ANAPOL, D. **Polyamory in the 21st century**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2010.

DELEUZE, G. Os Intercessores. In: DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, pp. 151-168.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n. 5 (ed. especial), 2001.

GONZÁLEZ REY, F. **Comunicación, personalidad y desarrollo**. Habana: Pueblo y Educación, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. El campo heurístico que define la especificidad posmoderna en psicoterapia. In: GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividad y postmodernidad: Una aproximación desde Vigotsky hacia una perspectiva histórico-cultural**. Buenos Aires: Noveduc, 2009, pp. 188-198.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. **CS**, v. 11, pp. 19-42, 2013.

GONZÁLEZ REY, F. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, Vol 36(3), pp.175-189, 2016a.

GONZÁLEZ REY, F. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. [Recurso eletrônico]. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016b.

KLESSE, C. Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. **Laboratorium**, V. 3, n. 2, pp. 4-25, 2011.

NOGUERA, R. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

PATINO TORRES, J. F. O diálogo a três vozes na obra de González Rey: ontologia, epistemologia e método. **III Simpósio Nacional e I Simpósio Ibero-Americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade**, online, 2021. No prelo.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REIS, J. B. G. **A construção de um relacionamento na perspectiva do poliamor**. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.